

TEATRO DE COMÉDIA

Revisão feita em 25.3.63.

*60/2
1/2*

A VIUVA ALEGRE

ORIGINAL EM 3 ATOS DE ÉRICO GRAMER

PERSONAGENS:

D. LULA.....	FRANCISCA
FERNANDA.....	MARIA KÁTIRA
ADALBERTO.....	GUDY EMUNDS
DR. FRANCISCO.....	JOSE ANTUNES
LEONTINA.....	SHIRLEY ANTUNES

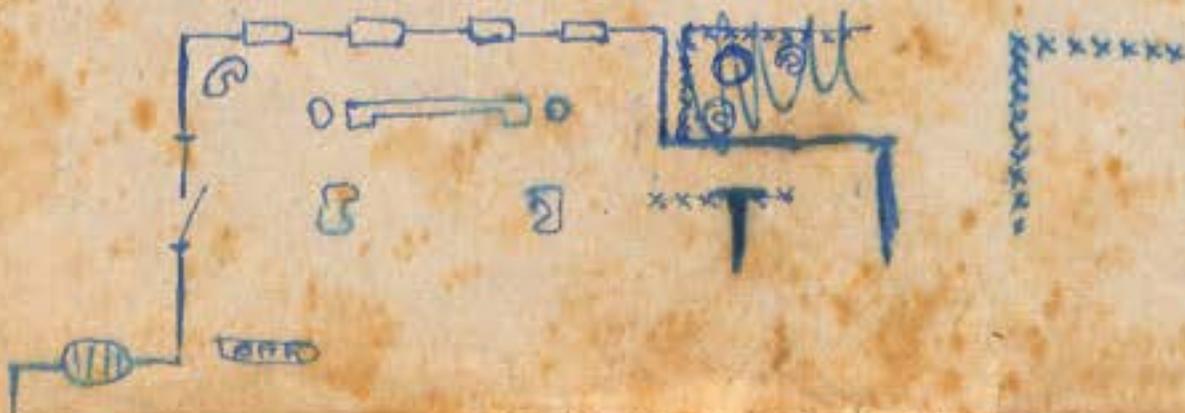
Lourdes Helena

CENÁRIOS:

- 1ª) - SALA MODERNA E LUXUOSA, COM A PAREDE DO FUNDO TODA ENVIDRAÇADA E COBERTA POR CORTINAS TRANSPARENTES. PORTA DE ENTRADA E UM PEQUENO VITRAL À ESQUERDA. MEIA PAREDE COM GRADES E UMA FUGA À DIREITA. *ESTA FUGA DA PARA UMA PEQUENA SALETA COM PORTINHAS E DORMIDOR.*
- 2ª) - CARAMANCHÃO DE JARDIM COM TREPADEIRAS, EM TAMANHO SUFICIENTE PARA RECEBER UMA MESA DE FERRO E DUAS CADEIRAS.

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

TV PIRATINI - CANAL 5



SLIDES: (Os de costume)

ABERTURA em: G.P. de FERNANDA, sentada com Adalberto no caramanchão. Ela está risenha, êle preocupado.

- SET DE CARAMANCHÃO DE JARDIM -

AFASTAMENTO até enquadrar ADALBERTO

ÁUDIO: ABERTURA MUSICAL

FERNANDA - Que tem você, meu bem? Está tão diferente hoje...

ADALBERTO - Nada. Esteu, apenas, um pouco indisposto.

FERNANDA - Não, não... você não está dizendo a verdade. Você está triste, hoje. Preocupado. Aconteceu alguma coisa com você na fábrica?

ADALBERTO - Não, não... antes fosse... eu tenho, realmente, qualquer coisa, mas não sei o que é.

FERNANDA - Vamos, querido... você não pode mentir para a sua Fernanda. E você não confia nela?

ADALBERTO - Claro que confio.

FERNANDA - Não confia, não senhor, porque se confiasse já teria aberto o seu coração e teria dito aquilo que ~~está~~ ~~expressa~~ ~~sendo~~ ~~triste~~ ~~sendo~~ e preocupa e o entristece.

ADALBERTO - Mas como é que você quer que eu lhe diga uma coisa que eu não sei o que é?

FERNANDA - Sabe sim, como não? Quem é que não sabe onde um espinho lhe fere? Diga, antes, que você não deseja me dizer e está acabado. Aí eu deixarei de insistir.

ADALBERTO - Não, não... não é isto... eu ... eu até desejava conversar com você a respeito deste assunto, mas... não sei... Talvez ainda não fosse agora o momento preciso, entende?

FERNANDA - Querido, o que eu não entendo é a sua indecisão. Por que isto? Você receia que eu não seja capaz de compreendê-lo? Eu prometo a você que farei tudo...

ADALBERTO - (CORTA) Não, não, que esperança! Isso nem me passou pela cabeça... simplesmente eu não sei si deva falar-lhe neste assunto, entende? É esse o motivo da minha indecisão. Às vezes eu penso que devo, outras vezes já penso que não... e assim fico.

FERNANDA - Mas se é um assunto que o traz preocupado, por que não se livra dele de uma vez? Uma coisa que incomoda, a gente trata logo de despejar.

ADALBERTO - (depois de pausa) Não, não... vamos deixar assim como está. Pode ser que amanhã eu depois eu me resolva a falar e a por fim a esta situação tão incômoda.

FERNANDA - Ah, meu bem, agora sou eu que vou ficar triste. Por mais que queira pensar nos seus motivos, ~~mas~~ terei, sempre, a impressão de que ^{você} não teve confiança em mim.

ADALBERTO - Ora vamos, por favor... Não falemos mais nisto. Ou melhor, vamos combinar uma coisa: si até a hora de me despedir eu me resolver falar no assunto, direi do que se trata; está?

FERNANDA - Não sei... a esta altura dos acontecimentos eu ache que até já estou preferindo não saber.

ADALBERTO - Será que você se aborreceu, Fernanda?

FERNANDA - Não, Adalberto, aborrecer, não. Fiquei triste, apenas. Mas o melhor é deixarmos assim mesmo. Quando você quiser falar... eu escutarei.

APROXIMAÇÃO até G.P. de FERNANDA

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de LULA, na frente de um penteador - PEQUENA SALETA LIGADA A SALA MODERNA E LUXUOSA -

DONA LULA ESTA DE PEGNOIR, A CABEÇA CHEIA DE PAPELOTES E FAZ UMA CARETA DE DOR NA HORA DA FUSÃO.

AFASTAMENTO até enquadrar LEONTINA, cria da mambira, metida na toca e no avental branco, sobre vestido azul escuro.

LULA - Ai, Leontina, assim também não!... Tú dás cada puxão nos meus cabelos que eu nem sei como não os arrancas todos. Assim também é demais, não ha quem gguente.

LEONTINA - Uai! Que engraçado!... A senhora num quê parecê moça e bunita?! Pois entonce tem que guentá, oriessa! Os cabel se enrreda tudo nos meus dede e mais os papé dos papelóte, si eu num fizê anssim como tó fazendo, ai memo é que eu num tiro êles. Tão munte grudado. Parece intê que tem goma arábis.

LULA - Qual nada, tudo isso é conversa fiada. O que tú não tens é paciência para desenrredar os cabelos e vais puxando. Queres fazer tudo ligeiro e a gente é que sofre. Faz mais devagar que tu não me sacrificas tanto.

LEONTINA - Tá bem, eu vou percurá fazê, mas a senhora vai vê como a curpa é dos cabel.

HÁ UMA PAUSA EM QUE LEONTINA VAI TIRANDO OS PAPELOTES E LULA VAI FAZENDO TREGUITOS E CARETAS.

LULA - Está vende como era e que eu te dizia? Agera já não dêi tante. Continua a fazer devagar que não há pressa. Ninguem vai apagar incêndio. Si o deuter Francis

LULA - (CONT.) co chegar não tem nenhuma im-
portância, que êle espere um pouquinho.

NOVA PAUSA. NOVAS GARETAS. NOVOS TREGUITOS.

LULA - A Fernanda já chegou, Leontina?

LEONTINA - Já, sim sóra, mas ainda não en-
treu, não sóra. Tá lá da banda de fora, as-
sentada no jardim, conversando com o sô Adar-
berto, sim sóra.

AO TERMINAR DE PALAR LEONTINA, LULA DA UM GRITO

LULA - Ai, Leontina, não, que horror!... Des-
sa maneira tu me arrancas até o couro cabelu-
do. Assim não posso.

LEONTINA - Mas se eu num puxo, num sai, dona
Lula. Os papé tá tudo grudado. Os cabel se
engurvinha, se enrresca nos papé a gente tem
que puxá, sim sóra.

LULA - Mas como é que quando tu fizeste de
vagar e com atenção eu não gritei? É que tú
te esqueces, eu ficas sem paciencia e então
puxas. E é uma dor fininha que parece que
vai até o dedo do pé.

LEONTINA - Tá bão, eu vê cuntinna a fazê
bem digavá, sim sóra. Bamo vê.

LEONTINA VAI TIRANDO OS PAPELOTES DE LULA.

LULA - Escuta, Leontina, tú não sabes que
heras são?

LEONTINA - Pera ai um mucadinho que eu vê xi
vê, sim sóra.

LEONTINA SAI DE CENA E LULA COMEÇA A DESENROLAR
UM PAPELOTE. LEONTINA VOLTA E RECOMEÇA O SERVIÇO

LEONTINA - Parta ~~axta~~ treis risquinhe dei-
tade, pra uma ferquia e dois risquinhe ~~ixtas~~
ladeado, sabe como é?

LULA - Sei como é, mas não fiquei sabendo
quantas heras são.

LEONTINA - Crede, dona Lula, a sóra me des-
curpe, mas eu pensei que a sinhera fosse um

LEONTINA - (CONT.) mucadinho mais... (beta o dedo na testa) mas tã vendo que a sóra é um mucadinho... (faz com as duas mãos o gesto de orelhas de burro).

LULA - E eu não pensei que tú fosses tão audaciosa. Audaciosa e ignorante, porque dizer as horas da maneira que tú disseste... francamente. Ninguém seria capaz de entender, ninguém.

LEONTINA - Mas dona Lula, pelo amor de Deus! Inté parece que eu disse um nome feio abecê no! É só butá sintido, que a pessoa vê a hora. Veje bem: farta três risquinho deitado (faz o gesto com a mão) pra uma ferquia e mais dois risquinho enviaçado.

LULA - Três minutos para as sete?

LEONTINA - Ah bã, isso eu num sei, mas que eu tã dizendo direito, eu tã.

LULA - Não, mas tres minutos para as sete não pode ser, porque então os risquinhos seriam em pé.

LEONTINA - Não, mas esses não. Esses tã deitado que eu vi munte bem. E ainda tã meio longe daquela cruzeta e os dois risquinho deimpê que é adonde trimina a vorta.

LULA - Está bem, Leontina, eu não vou estar quebrando a minha cabeça porque não adianta nada. Ajude-me a tirar os papelotes que é melhor. Eu já devo estar atrasada.

LEONTINA - (recomeçando) Eu ache que tá, sim sóra. Tombem nem sei pra quê que a sóra enrela essas porcaria nos cabel. Que a sóra num tesse eu, pra ajudá a sóra a enrrelá, agaranto que a sóra num butava isso. (Pausa) Ih, esse aqui tá brabo... A sóra num qué en que puxe, mas esse sem puxá num sai.

LULA - Não, Leontina, não tem nada que puxar. Desenrreda com paciência que solta.

LEONTINA - Mas esse num dá, dona Lula. Te guenta nos pé de traiz que eu dô só um puxão sinho meio digero e ele sai.

LULA - Não, Leontina, eu já...

LULA NÃO CHEGA A CONCLUIR A FRASE. LEONTINA DÁ UM PUXÃO, ARRANCA O PAPELOTE MAS LULA DÁ UM GRITO AGUDO E FICA FURIOSA, LEVANDO A MÃO A CABEÇA.

LULA - Leontina, deixe. Eu não preciso mais que você me ajude. Vá embora.

LEONTINA - Mas doutro jeito num dava, dona Lula.

LULA - Não quero mais saber de conversa. Já disse que vá embora.

LEONTINA - Tá bem, eu vou... (afasta um passo) Mas eu quiria vê a sinhora tirá ele sem puxá, eu quiria vê.

LULA - Eu já disse a você que vá embora, criatura. Odedeça, ande.

LEONTINA - (afastando mais um passo) Eu tô indo. Mas a sóra num tirava aquele papelóto sem puxá os cabel. Ah, num tirava.

LEONTINA - Leontina, chega! Quantas vezes eu já disse a você que vá embora? Preciso dizer mais uma?

LEONTINA - (afastando mais um passo) Num séra, num percisa, a sóra num tá vende que eu já tô indo? Digavasinhe, mas tô indo. Mas o cause é que a sóra num tirava aquele papelóto que eu tirei, sem...

LULA TEM UMA CRISE DE FURIA. SE LEVANTA, GRITA E LEONTINA LEVANDO UM SUSTO TREMENDO, SAI DISPARANDO.

LULA - Chega, Leontina, chega! Tá queres que eu enleuqueça?! Oh meu Deus!... O tempo deve estar se armando para chuva, porque ela está muito atacada. De mais!

APROXIMAÇÃO até G.P. de LULA, impaciente e cansada.

FUSÃO com G.P. de FERNANDA, sentada na sala, lendo uma revista.

— SALA MODERNA —

ENTRA LEONTINA DO INTERIOR E VAI PASSAR FERNANDA

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FERNANDA - O jantar vai demorar muito, Leontina?

LEONTINA - Arrecem tô perparando êle.

FERNANDA - Mas então a que horas vai se jantar hoje nesta casa?

LEONTINA - Ah, num sei, eu num tenho curpa. A patrona me chamô eu pra ajudá ela a tirar os papelôto dos cabel, eu fiquei presa ~~num~~ mais de uma hora. Num faiz nem deiz minuto que fui pra cosinha. Eu tenho só duas mão, num ê? A séra vê que si elas tão acupada numa cousa, eu num posse fazê otra ne memo tempe, a não sê com os pé, mas com os pé eu num ia pudê cosinhá que a séra memo num ia querê cumê.

FERNANDA - A mãmãe vai sair?

LEONTINA - Diz que vai, num sei.

FERNANDA - E onde ela vai? Ao cinema?

LEONTINA - Ah, num priguntei. Memo ela num tem nada que me dá sastifação...

FERNANDA - Eu sei que não tem. Havia de ter muita graça, mas eu perguntei a você porque ela, em conversa, pederia ter dito.

LEONTINA - Mas ela num disse. Ela só disse que o deutô Francisco vinha buscá ela e que ~~num~~ si ela num tivesse pronta, que ele esperava.

FERNANDA - Então com certeza vão ao cinema. Hoje é dia de estreia.

LEONTINA - Ah num sei, ela num disse.

FERNANDA - Eu já sei que ela não disse, Leontina.

LEONTINA - Pois é, ela num disse.

FERNANDA - (estoura) Leontina, chega. Eu já sei que ela não disse.

LEONTINA - (queimada) A sóra sabe, porque eu disse pra sóra que ela num disse. Que eu num dissesse pra sóra que ela num disse, eu queria vê si a sóra ia sabê, engraçado!

FERNANDA - (contendo-se) Leontina, queridinha vai aprentar o jantar que eu estou com fome, sim? Lembra-te que hoje eu não fiz lunch à tarde.

LEONTINA - (saindo) Num feiz prâquê num quiz o luncho tava aí memo. (sai.)

APROXIMAÇÃO até G.P. de FERNANDA, sacudindo a cabeça, pacientemente.

FERNANDA - Essa rapariga está impossível hoje. Apesto como está para chuva!

FUSÃO com G.P. de LULA, acomodando um chapéu na cabeça, já prenta para sair.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

LULA - Que bom que o doutor Francisco também se atrazou, sinão ele ia esperar um tempão.

LULA SE OLHA AO ESPELHO. SE VOLTA. OLHA OUTRO ANGULO.

LULA - Este chapéu não me favorece tanto, mas é o que melhor assenta com este vestido.

LULA VAI A UM PONTO QUALQUER E VEM COM DUAS BOLSAS PARA A FRENTE DO ESPELHO.

LULA - Não sei si levo esta bolsa, ou esta aqui. Parece que esta dá mais harmonia ao conjunto.

CONTRA REGRA - CAMPAINHA DE PORTA AFASTADA

LULA - Ó. O doutor Francisco deve estar chegando.

LULA SOITA UMA DAS BOLSAS E VOLTA PARA SE OLHAR AINDA UMA VEZ AO ESPELHO. OLHA O RELÓGIO DE PULSO.

LULA - Vamos chegar exatamente na hora de começar a sessão. Aliás, é como eu gosto de fazer: chegar antes de começar, mas com o cine

CORTE

P.A. de FRANCISCO e LEONTINA

- SALA MODERNA E LUXUOSA -

LULA - (CONT.) ma quasi lotado. Ai a gente caminha até lá à frente e volta para sentar bem atraz, depois que foi vista por todos.

FRANCISCO - Dona Lula já está pronta?

LEONTINA - Aço que deve de tá. Faiz mais de duas hora que ela tá se aprontando... Mas o sinhô se assente. Ela pode dimorá ainda um mucado e insperá de impé é cousa munto confortáve.

FRANCISCO SE SENTA, SORRINDO.

FRANCISCO - Você quer fazer o favor de avisá-la da minha chegada?

LEONTINA - Aviso, sim sinhô.

LEONTINA SE APROXIMA DE FRANCISCO E EXTENDE A MÃO, SEM OLHAR, PEDINDO DINHEIRO.

LEONTINA - O sinhô é uma pessoa de artas titude, a gente num pode deixá de fazê as cousa que o sinhô pede pra gente, num é?

FRANCISCO OLHA PARA A MÃO DELA, SORRI, TIRA DO BOLSO UMA NOTA E COLOCA-A NA MÃO DE LEONTINA QUE FINGE SUSTO

LEONTINA - Tem outras pessoa que a gente faiz as cousa cuntrariada, praquê são pessoa que pensa que como a gente é omirde, num é omana. Essas pessoa, a gente tombem num dá bola pra elas, sabe? São uns coitado que nem sabe direito adonde...(transição) Ora, seu dotô Francisco, não era perciso o sinhô se incomodá. Eu só não arregeito, pro sinhô num pensá que eu quero esfeitiá o sinhô. Eu já vô chamá ela bem digero.

LEONTINA SAI, RADIANTE, BOTANDO A NOTA NO DECOTE.

FRANCISCO - (Projetando) Diga-lhe que se apresse, porque estamos um pouco atrazados. (sorri) Essa rapariga é uma bolal...

FRANCISCO APANHA UMA REVISTA E COMEÇA A FOLHEÁ-LA.

AO FIM DE ALGUNS MOMENTOS, ENTRA LULA, PRONTA PARA SAIR, COM AS LUVAS NA MÃO. FRANCISCO SE LEVANTA RISONHO PARA RECEBE-LA, EXTENDE-LHE AS DUAS MÃOS, SEGURA AS DUAS DELA E DEPOSITA UM BEIJO EM CADA UMA.

FRANCISCO - Como vai, querida?

LULA - Boa tarde. Faz muito tempo que es tá à minha espera?

FRANCISCO - Absolutamente. Faz dois minutos que cheguei. Talvez nem tanto.

LULA - Pois então, se quiser... podemos ir.

FRANCISCO - Vamos, sim, sinão chegaremos atrasados e eu sei que você não gosta de chegar depois do filme começado.

LULA - Ah não gosto, mesmo. Tenho verdadeiro horror. Prefiro esperar a sessão seguinte.

ENTRA LEONTINA COM UMA BANDEIJA NA MÃO E UM COPO D'AGUA SOBRE A BANDEIJA. ATACA FRANCISCO E OPERECE-LHE O COPO. OS DOIS QUE JÁ IAM SAINDO PARAM DIANTE DELA.

LEONTINA - Tá, doutô Francisco.

LULA - Ah você havia pedido água? Desculpe, eu não sabia, foi por isso que não esperei.

LEONTINA - Ele num tinha pedido, não, do na Lula, eu é que trouxe.

FRANCISCO SORRI E TIRA O COPO DA BANDEIJA.

LULA - Mas Leontina, que bobagem é esta? Você sabe se o doutor Francisco estava com vontade de tomar água?

LEONTINA - Tá, sim, ó. Ele até já garrô o copo.

LULA - Agarron por delicadeza. Uma vez que você trouxe...

FRANCISCO - Não, não, a Leontina até pa

FRANCISCO - (Cont) rece que advinhou. Eu estava mesmo com sede.

LEONTINA - Tá vendo? Eu vi pula cara dele.

FRANCISCO BEBE O COPO D'AGUA E COLOCA-O NA BANDEIJA.

LEONTINA - Das veiz a pessoa num pede com medo de incomodá, mas a gente traiz ela to ma. Tá aí, ô. Ele tumô tudo.

LULA SACODE A CABEÇA COMO QUE IMPACIENTE

LULA - Bem, então agora vamos, sinão vamos ter que esperar a sessão seguinte.

FRANCISCO - Vamos, sim. Obrigado, Leontina

LEONTINA - De nada, dotô Francisco, o sinhô é merecedente.

OS DOIS SAEM E LEONTINA SAI ATRAZ, TIRANDO PELINHOS DA ROUPA DELE, ALISANDO-A E SE REQUEBRANDO TODA. LULA FAZ COM A MÃO, AS ESCONHIDAS, SINAIS PARA QUE LEONTINA SOCEGUE. ELA NAO DÁ BOLA E AINDA PEGA A MÃO DE LULA QUE SACODE COMO QUEM CUMPRIMENTA E LULA PUXA, ZANGADA. OS DOIS SAEM. LEONTINA FICA DANDO ADEUSINHO.

LEONTINA - Vão com Deus e a Virge. Tomára que voceis goste do cinema. (Pausa) Eu num sei o que é que a dona Lula tá fazendo que não se casa logo com esse home. Óia que esse home é bão. Das veiz ele inspera quêto aí mais de uma hora e nem buxinxa. Sabe o que é um home insperá sem buxinxá? Sabe? Não é sopa. E é pur isso que eu ainda tô sortera. (transição) Que é? Voceis num a cridita que eu sô sortera?

FAZ UMA CRUZ COM OS DEDOS E LEVA A BOCA, BEIJANDO

LEONTINA - Pur essa luz de Deus. E vô di zê mais: pra me casá, só com um home munto bão. Refugo num quero. Pra refugo chega eu!

APROXIMAÇÃO até G.P. de LEONTINA, numa expressão de pouco caso.

AUDIO - MUSICA PARA O FINAL DO 1º ATO.

-SUPERPOE

-FIM DO 1º ATO.

ABERTURA em: P.P. de LEONTINA, atenden
do o telefone, na - SALA MODERNA E LU
XUOSA -

AUDIO - MUSICA PARA INICIO DO 2ª ATO.

LEONTINA - Quem é que tá falando aí? (Pau
sa) Quem? (Pausa) O seu Darberto? Seu Dar
berto nada, coisinha, vai impuiá outro.
Intão tú pensa que eu não conheço a vóiz
do seu Darberto? (Pausa) Ah, tú tá dis
falçando? Mas disfalçando pra que? (Pau
sa) Pra vê se pega a dona Felnanda de
geito? Mas tu num pega praquê ela num
atende telefônis. (Pausa) Si ela tá? Bão,
qué dizê... Ela tá, num é, mas ela disse
pra mim que é pra dizê que ela num tá.
(Pausa) Ah, num sei. Se o sinhô num sabe,
eu memo é que num vô sabê. (Pausa) Ué,
o sinhô qué vim, pode vim, mas eu tô em
dizê que ela num vai arrecebê o sinhô.
(Pausa) Tá bão, se o sinhô qué insisti,
insseste. Pode sê que se dê-se o causo
dela dimudá de pensamento. (Pausa) Não
sinhô, pode ficá discansado que eu num
digo nada pre ela. (Pausa) Nem uma palá
vria. (Pausa) Não sinhô, num percoisa tê
medo que eu sô de cunfiança. Quando eu
digo que num digo, eu num digo memo.
(Pausa) Tá, seu Darberto, intão inté.

LEONTINA DESLIGA O TELEFONE, RESPIRA FUNDO.

LEONTINA - Puxa vida que esses namorado
da dona Felnanda me dá o que fazê! (Cha
mando) Dona Felnanda, dona Felnanda, oh
dona Felnanda!...

ENTRA FERNANDA EM CENA, DO INTERIOR.

FERNANDA - Que gritaria é essa, Leonti
na? Parece até que morreu alguém.

LEONTINA - O seu Darberto.

FERNANDA - O quê?!... O Adalberto morreu?!...

LEONTINA - Credo, mié de Deus, deixa de agor
rá o home!

FERNANDA - Pois tú não acabaste de me dizer
que êle morreu?

LEONTINA - Eu num disse nada. Foi a senhora
que disse. Eu disse que ele falô no telefônio
e priguntô pua senhora.

FERNANDA - Quando?

LEONTINA - Arrecemsinha.

FERNANDA - E o que foi que ele disse?

LEONTINA - Disse que num era pra eu dizê na-
da pra senhora, mas que êle vem aqui daqui a
um mucado.

FERNANDA - Vem aqui?! Mas que é que êle vem
fazer?

LEONTINA - Ah num sei. Isso a senhora prigun-
ta pra ele, que eu num ia priguntá que ficava
feio. Ele ia me chamá eu de bisbiotera.

FERNANDA - Será que ele se resolveu a me di-
zer a tal coisa que ele não se animava? Acho
que só pode ser isto, porque eu lhe declarei,
~~me~~, bem positivamente, que só tornaria a fa-
lar-lhe ~~me~~ quando êle se resolvesse a me di-
zer as razões da sua apreensão.

LEONTINA - Então de certo deve de sê isso.
A senhora vai arrecebê ele, ou não?

FERNANDA - E por que tu queres saber?

LEONTINA - Pra sabê se mando o home intrá,
ou se bato ca polta na cara dele.

FERNANDA - É claro que o vais mandar entrar.
Nunca se bate com a porta na cara de uma pes-
soa que é falta de educação.

LEONTINA - Ah, eu bato. É só me dizê que bate
e eu já tô batendo.

FERNANDA - Bem, eu vou para o meu quarto. Si
ele chegar vá logo me avisar, ouviu?

LEONTINA - Uvi, sim senhora.

FERNANDA VAI PARA O INTERIOR E LEONTINA FICA
EM CENA AINDA UM MOMENTO.

LEONTINA - Eu acho graça dessas muié que
bfiga e corre cos home e dispois, quando
eles percura, já se arreganho todas de no
vo outra veiz. É bobage! Muié num tem vrego
nha na cara memo. E os home tombem num tem,
pruquê esse, ela correu com ele e ele anda
percurando, ô... faiz hora!

APROXIMAÇÃO até G.P. de LEONTINA.

FUSÃO com: G.P. de LULA, bem vestida,
mas com outra roupa, conversando com
o doutor Francisco no

-CARAMANCHÃO DE JARDIM -

AUDIO - PASSÁGEM MUSICAL

FRANCISCO - Você me pediu tres dias para
resolver sobre a minha proposta de casamen
to, faz uma semana que espero e você não
voltou mais a falar no assunto. Por que?

LULA - Simplesmente porque ainda não tive
coragem de decidir, Francisco. Apenas isto.

FRANCISCO - Não teve corágem de decidir, ou
não teve corágem de falar à sua filha?

LULA - Não tive corágem de me decidir a fa
lar com ela.

FRANCISCO - Você acha que ela possa fazer
qualquer objeção?

LULA - Acredito que não, mas...

FRANCISCO - (corta) Pois então? Se você acha
que ela não se oporá, não vejo motivo para
você ficar nessa indecisão. A não ser que du
vide do meu amor e deseje pô-ló à prova.

LULA - Não, querido, não é isto. Eu sei que
você me ama e me sinto muito feliz de ser
objeto do seu amor, mas acontece...

FRANCISCO - (Pausa) Diga.

LULA - Acontece que Fernanda foi alucinada pelo pai e desde que o perdeu, cultua a sua memória com extraordinário carinho. Eu tenho receio que o nosso casamento possa chocá-la, entende? Daí o meu escrúpulo em falar-lhe no assunto.

FRANCISCO - Mas Fernanda é uma moça evoluída, Lula; ela terá que compreender que por mais que você haja amado ao seu marido ficou viuva muito cedo e tem todo o direito de continuar a viver.

LULA - Sim, sim, eu sei que o seu argumento procede, mas você não pode imaginar o quanto esse assunto é delicado e como é preciso jeito para atacá-lo. E não só jeito. Oportunidade também. Outro dia, aqui mesmo, eu estava a ponto de iniciar o assunto quando o Adalberto chegou e alterou todos os meus planos.

FRANCISCO - Talvez que se esse moço se resolvesse a pedi-la, facilitasse as coisas. Mas já vai para três anos que são namorados e nunca saem da mesma coisa... Será que lhe faltam recursos?

LULA - De modo algum. Ele é sócio do pai.

FRANCISCO - E o pai que faz?

LULA - Tem uma indústria de elevadores e uma representação de máquinas. Ganha uma fortuna mensalmente.

FRANCISCO - Mas então o que lhe falta para se resolver a dar o passo decisivo?

LULA - Não sei. Agora eles andam brigados. Faz três dias que ele não ~~se~~ aparece.

FRANCISCO - E por que motivo? Ela não disse a você?

LULA - Não. Minha filha saiu igualzinha ao pai. Introversa ao extremo.

FRANCISCO - Bem, mas de qualquer forma, que rida, você precisa tomar uma resolução. Eu estou aflito para resolver a minha vida. Não suporto mais a solidão dos quartos de hotel. Tenho a impressão de que eles me sufocam. Eu preciso do ambiente de lar e dos cuidados de uma mulher.

LULA - Eu compreendo, querido, mas se você quizesse esperar mais alguns dias, até que me surgisse uma outra oportunidade para falar-lhe no assunto...

FRANCISCO - Desde que sejam realmente alguns dias... eu não terei dúvidas em esperar.

LULA - Pois eu lhe agradeço e lhe prometo que dentro de oito ou dez dias hei de ter este caso solucionado.

FRANCISCO - Você não quer que eu fale com o Adalberto, para sondar as suas disposições?

LULA - Mas você não me disse que ele não lhe dá oportunidade senão a que você o cumprimente e lhe pergunte como vai?

FRANCISCO - Sim, realmente assim é, mas isso não quer dizer nada. Eu posso forçar um contato e não acredito que ele fuja.

LULA - Não vale a pena. Ele pode achar ruim e se aborrecer com você. O melhor mesmo é eu falar com Fernanda. Dê-me mais oito dias e eu lhe prometo que o caso está solucionado.

FRANCISCO - Deus permita, Lula. Faz dois anos que eu espero pacientemente.

LULA - Mas desta vez há de ver que a sua espera será coroada de êxito.

APROXIMAÇÃO até G.P. de LULA, risonha e terna, olhando para Francisco.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de LEONTINA, de pé, recebendo ADALBERTO - SALA LUXUOSA -

CORTE

DET do Pé de LEONTINA, fazendo "não".

CORTE

P.A. dos DOIS

LEONTINA - O sinhô se assente que eu vô avisa pra dona Felnanda.

ADALBERTO - Você não disse nada a ela que eu vinha, não é?

LEONTINA - (exagerada) Deus me livre! Quero que um raio me palta, se eu disse alguma coisa.

ADALBERTO - Pois então, ainda desta vez não lhe diga nada. Diga, apenas, que está aqui uma visita para ela.

LEONTINA - Sim sinhô. (Saida falsa. Volta) Mas e si ela priguntá o nome da visita?

ADALBERTO - Você inventa qualquer nome. Diz que é o seu João, o seu Pedro, o seu Henrique...

LEONTINA - Já sei. É o nome que me vié na minha cabeça?

ADALBERTO - Exatamente.

LEONTINA - Então tá bem. (Saida falsa. Volta) Mas e se o nome que vié na minha cabeça fô o nome do sinhô, como é que eu faço?

ADALBERTO - Ah bem, aí você não diz.

LEONTINA - Mas tombem si eu num digo o nome ela é capaiz de não vim.

ADALBERTO - Mas você vai dizer um nome, Leontina, só não pode ser o meu.

LEONTINA - Cumprindi. Um nome aiêio. De outro cujo quarqué?

ADALBERTO - Exatamente. Mas vá de uma vez que eu estou aflito.

LEONTINA - Eu vô, sim, eu vô. (Saida falsa. Volta) Ah, eu gualdei o segredo. Num falei nada pra ela.

BOTA A MÃO EM POSIÇÃO DE QUEM ESPERA UMA GORGETA. ELE OLHA, FAZ UM GESTO DE IMPACIENCIA, METE A MÃO NO BOLSO E DÁ-LHE UMA NOTA QUE ELA SE APRESSA EM BOTAR NO SEIO.

ADALBERTO - Está bem.

LEONTINA - (depois de guardar o dinheiro)
Ora, seu Darberto, num precisava o sinhô se
incomodá. Afinais a gente tá aqui memo é
prá selvi.

ADALBERTO - Está bem está bem, vai de uma
vez, anda.

LEONTINA SAI QUASI CORRENDO E ADALBERTO SE SENTA.
PEGA UMA REVISTA. ABRE. FECHA. SOLTA. LEVANTA. ANDA.
TORNA A SENTAR. PEGA UM LIVRO. ABRE. OLHA. FECHA.
TORNA A LEVANTAR. ACENDE UM CIGARRO. DÁ UMA TRAGA
DA. APAGA. SOLTA NO CINZEIRO. SENTA. NOVAMENTE.
ENTRA FERNANDA, DISPLICENTEMENTE. ELE LEVANTA.

FERNANDA - Ah, era você? Boa tarde.

ADALBERTO - Boa tarde, Fernanda. Desculpe,
se vim incomodá-la.

FERNANDA - Sente-se, por favor.

FERNANDA SE SENTA E ADALBERTO PAZ O MESMO. PAUSA.

FERNANDA - Você... você queria me dizer al
guma coisa?

ADALBERTO - Sim, Fernanda, embora muito me
custe, mas... eu não posso continuar nesta
situação... ela é muito penosa para mim...

FERNANDA - Muito bem. Fale, então.

ADALBERTO - Fernanda, eu... eu não poderei
continuar o namoro com você, a não ser...

FERNANDA - (depois de pausa) A não ser...

ADALBERTO - A não ser que sua mãe modifique
a sua maneira de proceder.

AUDIO - ACORDE DE CHOQUE VIOLENTÍSSIMO.

FERNANDA - Adalberto!... Você... você aten
tou bem para o que me disse?!...

ADALBERTO - Sim, Fernanda e por isso, justa
mente, é que me custou tanto a tomar esta
resolução.

AUDIO - ACORDE UM POUCO MENOS VIOLENTO.

FERNANDA - Mas eu preciso que você esclare
ça as suas razões, Adalberto.

ADALBERTO - Não, não... acho melhor não entrarmos em detalhes.

FERNANDA - Como não? Parece-me que agora, você já não tem o direito de fugir a uma explicação. O que fez minha mãe, afinal, para justificar uma atitude tão insólita de sua parte?

ADALBERTO - Pois bem... já que você exige... eu vou ser obrigado a lhe dizer verdades que talvez a magoem. Sua mãe... é muito mal vista na sociedade.

AUDIO - ACORDE DE SURPREZA ENORME E CHOQUE BRUTAL.

FERNANDA - (Quasi sem voz, estarrecida) O que é que você está me dizendo, Adalberto?

ADALBERTO - Nada mais do que já lhe disse.

FERNANDA - Minha mãe é mal vista na sociedade?

ADALBERTO - Muito mal vista e tanto assim que foi minha família quem tomou a resolução de alertar-me para esse particular.

FERNANDA - Mas não há razão, Adalberto. Estou certa que não há razão. Minha mãe é uma mulher honesta.

ADALBERTO - Bem... eu não chego ao ponto de afirmar que ela não o seja, mas a verdade é que se expõe, há quasi dois anos, ao lado de um homem desquitado, cujas intenções são claríssimas. (Pausa) Você não sabia que o doutor Francisco era desquitado?

FERNANDA - (abatida, como quem confessa um crime) Sabia...

ADALBERTO - Já vê que os falatórios da sociedade não deixam de ter um ponto de apoio. Sabe como é o apelido de sua mãe nas rodas elegantes?

FERNANDA - (quasi chorando, brusca) Não quero saber.

ADALBERTO - Mas deve saber. Chamam-na a
Viuva Alegre.

21

FERNANDA COBRE OS OLHOS COM AS MÃOS E COMEÇA
A CHORAR BAIXINHO. ADALBERTO SE APROXIMA DELA

ADALBERTO - Eu sabia que iria magoá-la e
peço-lhe que me desculpe, mas eu não pode
ria deixar de justificar a minha retirada,
mesmo porque eu a amo muito Fernanda e pen
so que ainda poderemos acomodar a situação.

FERNANDA - Você... você pensa isto sincera
mente?...

ADALBERTO - É claro. Há duas soluções de
que podemos, ainda, lançar mão.

FERNANDA - E quais são elas? Diga.

ADALBERTO - Uma delas, seria você contar fran
camente à sua mãe tudo que se passou en
tre nós e pedir-lhe que se afastasse desse
homem que está prejudicando, a um só tempo,
a reputação dela e a sua felicidade.

FERNANDA - E você pensa que eu teria coráge
de dizer uma coisa dessas à minha mãe?

ADALBERTO - Mas se seria em benefício de
ambas... por que não dizer?

FERNANDA - E você já pensou na tristeza que
eu iria lhe causar, acusando-a de um proce
dimento incorreto?

ADALBERTO - Mas se ela não percebe isto, al
guem deve lhe chamar a atenção.

FERNANDA - Mas não eu, sua filha. Já pensou
como seria humilhante para ela?

ADALBERTO - E você não pode pedir a uma pes
soa amiga que o faça em seu lugar?

FERNANDA - A quem? Envolver pessoas extra
nhas em questões tão íntimas, parece-me que
ainda seria muito mais chocante.

ADALBERTO - Bem, então vejamos se lhe serve
a segunda solução.

FERNANDA - Fale, vamos ver.

ADALBERTO - Você iria morar num pensionato, até casar.

AUDIO - ACORDE DE CHOQUE BRUTAL.

FERNANDA - Como... como foi que você disse? Eu... eu acho... que não entendi muito bem.

ADALBERTO - Eu disse que você iria morar num pensionato...

FERNANDA - Deixaria, então, a minha casa?

ADALBERTO - Sim...

FERNANDA - Abandonaria minha mãe?

ADALBERTO - Bem... quer dizer... não seria propriamente abandonar... você apenas deixaria a companhia dela.

FERNANDA - E você acha que eu seria capaz de cometer tão grande baixeza? Que eu seria capaz de praticar uma atrocidade dessa natureza? Você sabe o que tem sido minha mãe para mim, Adalberto? Não sabe. Se soubesse, não teria a coragem de propor-me uma ação tão revoltante. Eu jamais abandonaria minha mãe, inda que fôsse para cobrir-me de ouro e gozar a maior e a mais completa felicidade de que o mundo se propuzesse a oferecer-me.

ADALBERTO - Bem... então se é assim... eu lhe peço desculpas e permissão, também, para me retirar. Amo-a, Fernanda, mas não posso me sujeitar ao ridículo a que sua mãe a expõe.

FERNANDA - Saia, Adalberto. Eu o amo também mas ainda que o amasse mil vezes, por esse preço desprezaria o seu amor.

ADALBERTO SE LEVANTA E FICA PARADO PERTO DELA.

FERNANDA - Saia, que está esperando? Que eu o mande sair, novamente?

ADALBERTO - Adeus, Fernanda.

ADALBERTO EXTENDE A MÃO PARA FERNANDA. ELA OLHA A MÃO DELE, BAIXA A CABEÇA E NÃO EXTENDE A DELA.

ADALBERTO - (terno) Você me nega a sua mão Fernanda?

FERNANDA - (num esforço heroico para não gritar) Saia, Adalberto, saia, por favor! Que lhe adianta um aperto de mão a mais ou a menos, se você acaba de levantar entre nos a muralha da incompreensão? (alterando a voz e quasi gritando) Saia! Saia!...

ADALBERTO - (retirando a mão) Está bem, Fernanda... Adeus...

ADALBERTO SAI. ELA LEVANTA A CABEÇA E COMEÇA A OIHAR PARA ELE PELAS COSTAS. ANTES DE SUMIR ELE PARA E OLHA PARA ELA. ELA PERCEBE E BAIXA DEPRESSA A CABEÇA PARA QUE ELE NÃO VEJA QUE ELA ESTÁ OLHANDO. ELE SOME. ELA LEVANTA E CORRE ATÉ A PORTA. ABRE A BOCA PARA GRITAR POR ELE MAS LEVA A MÃO À BOCA, RAPIDAMENTE, ABAPANDO O PRÓPRIO GRITO. VOLTA LENTAMENTE PARA O SOFÁ E SE ATIRA A CHORAR UM PRANTO CONVULSO. ENTRA LEONTINA E SE APROXIMA DELA, COMPLETAMENTE ADMIRADA.

LEONTINA - Que foi, dona Fernanda? A sôra se lastimou? Aconteceu alguma cousa?

FERNANDA - Aconteceu, Leontina. Aconteceu o que podia haver de pior para mim! Adalberto acaba de desmanchar o noivado comigo!

LEONTINA - Não diga, dona Fernanda!... A sôra qué que eu vá falá com êle?

FERNANDA - Não, Leontina, obrigada. Seria inútil, porque ficou tudo definitivamente acabado entre nós!...

LEONTINA - É por isso que eu sempre digo que esses home é uns tratante, uns impôcreta e uns miserave. E é pur isso que ca samento comigo num têm veis. Si eu tivê que me acertá com algum home, me acerto doutro geito. *Casou-se, não morou.*

FERNANDA DESATA A CHORAR MANSINHO.

FERNANDA - Que tristeza, meu Deus!...

LEONTINA - Não chora, bobal! Tem home aí dan do sopal! É só a sora se arrumá bem dereiti nha, saf, oiá pra eles anssim meio de reves gueio, quando a sóra vortá já vem dois ou treiz nos seus carcanha. (Pausa) Hum! Chorá por causa de home! Eu, hein rosa?!...

APROXIMAÇÃO até G.P. de LEONTINA com ares de desprezo.

- FIM DO SEGUNDO ATO.

- TERCEIRO ATO

ABERTURA em: DET de telefone, na mão de LULA que está falando.

AFASTAMENTO até P.A. de LULA

AUDIO - MÚSICA PARA FINAL DO 2º ATO.

AUDIO - MÚSICA DE ABERTURA DO 3º ATO.

LULA - Não, querido, ainda não tive oportunidade de falar. (Pausa) Como? (Pausa) Você acha que eu não quero falar? (Pausa) Não, não é isso... É que ela tem estado muito tristonha de ontem para cá e eu não achei oportuno tocar-lhe no assunto. (Pausa) Não sei... deve ser alguma rusga com o namorado, mas com toda certeza é coisa sem importância. Amanhã ou depois estão de pazes feitas. (Pausa) Não, não, juro-lhe que não. Simplesmente falta de oportunidade, acredite. (Pausa) Está bem, para que você não se zangue eu lhe prometo que falarei hoje mesmo. (Pausa) Está bem. (Pausa) Amanhã. (Pausa) Não, não, à noite é melhor. (Pausa) Está bem querido, até amanhã, então. (Pausa) Obrigada. Outro para você. (Pausa) Adeus... Adeus...

LULA DESLIGA O TELEFONE E FICA UM MOMENTO PENSATIVA.

VEM PARA O SOPÁ, SENTA-SE E COMEÇA A PENSAR ALTO.

LULA - Os homens não sabem esperar. Quando querem as coisas, tem que ser na mesma hora.

ENTRA LEONTINA, CANTANDO UM SAMBA OU MARCHA.

LEONTINA - U'e, a senhora tava aí, dona Lula? Descurpe, eu num sabia, pur isso que eu vim me saculejando toda.

LULA - Leontina, onde está minha filha?

LEONTINA - Tá chorando na cama que é lugá quente.

LULA - Vá chamá-la. Diga que preciso falar-lhe.

LEONTINA - Sim sóra.

LEONTINA SAI. LULA LEVANTA, CAMINHANDO E ESTUDANDO, COM GESTOS A MANEIRA DE COMEÇAR O CASO TORNA A SENTAR.

• LULA - Palavra de honra que eu não sei como começar.

ENTRA FERNANDA. ESTÁ ABATIDA, MAS NÃO CHORA.

FERNANDA - A senhora queria falar comigo, mãe?

LULA - Sim, minha filha, sente-se.

FERNANDA - Já sei o que a senhora deseja, mãe e antes que me pergunte, já lhe vou dizer tudo: eu e Adalberto rompemos definitivamente.

LULA - Óra, minha filha, isso me surpreende. Não era o que eu desejava.

FERNANDA - Nem eu, mas infelizmente foi por sua causa, mesmo, que terminamos tudo.

AUDIO - ACORDE DE SURPREZA E SUSTO GRANDE.

LULA - O que?!... O que é que você está dizendo?!

FERNANDA - A verdade. Antes que me recrimine, já vou lhe dizendo que a culpa foi toda sua!

FERNANDA - Minha filha, você está fazendo uma grande confusão. Eu não ia lhe falar sobre isto, mas agora, diante das suas acusações, faço questão absoluta de saber tudo que aconteceu.

FERNANDA - Eu já lhe disse. Não tenho mais nada a acrescentar.

LULA - A acrescentar talvez não tenha, mas a esclarecer tem até muita. Já que brigaram por minha causa, faço questão de saber o que foi que eu fiz e que possa ter provocado esse rompimento.

FERNANDA - A senhora não fez nada e fez tudo com esse seu namoro com o doutor Francisco.

LULA - Como?! Mas então você acha mal que eu saia na companhia dele, que vá a um cinema, a uma confeitaria e que ele me acompanhe à casa, depois?

FERNANDA - Não sou eu que acho mal, mãe. É o Adalberto, a família dele, a sociedade toda. Todos falam, todos murmuram, todos comentam, entende?

LULA - Mas murmuram e comentam por que?

FERNANDA - Óra, mãe, não se faça de ingênua. A senhora sabe, perfeitamente, que o doutor Francisco é um homem desquitado. Por melhor que ele se porte e a senhora também... sempre surgem comentários desagradáveis. Se a senhora soubesse o que já dizem...

AUDIO - ACORDE DE SUSTO TREMENDO

LULA - (desesperada) Não, minha filha, não! Não é possível! Eu juro a você, pela alma de seu pai, que não fiz nada de mal.

FERNANDA - Ninguém acredita isto e todos pensam as piores coisas.

AUDIO - NOVO ACORDE DE DESESPERO.

LULA - Mas você não acredita, não é minha filha? Juro a você, pelo que existe de mais sagrado, como o doutor Francisco nunca me desrespeitou? Você não acredita? Diga que acredita, minha filha, diga! Eu preciso que você acredite! Eu sou uma mulher honesta, juro-lhe!

FERNANDA - Eu sei, mãe, eu acredito, mas infelizmente não basta ser; é preciso parecer. A senhora, aceitando a companhia de um homem desquitado e andando com ele para qualquer parte e a todas as horas, acabou comprometendo a sua reputação.

LULA - Ele quer, por força, que nos casemos no Uruguay. Diga, minha filha, você acha que esse casamento poderia modificar a situação?

FERNANDA - Absolutamente, mãe. Como católicas praticantes que somos, jamais poderíamos admitir casamento com um homem desquitado. Pelo contrário, penso até que essa providência agravaria muito mais a situação.

LULA - Mas então, minha filha, diga o que posso fazer para remediar esse mal que lhe causei? Eu quero fazer alguma coisa, entende? Não posso ficar de braços cruzados!

HA UMA PAUSA. LULA ESPERA ANCIOSA. FERNANDA CALA.

LULA - Vamos, minha filha, ajude-me. Diga-me o que devo fazer.

FERNANDA - (triste) Por mim, nada, mãe, porque eu nada mais desejo, mas se a senhora deseja fazer alguma coisa pelo seu nome e o nome de papai... afasta o doutor Francisco da sua vida, definitivamente.

AUDIO - PANCADA DE GRANDE CHOQUE.

LULA - (depois de pausa, abatida e resignada) Está bem, minha filha. A mãe nunca imaginou que as suas liberdades de mulher moderna pudessem, um dia, causar a você qualquer prejuízo, mas juro-lhe que, a partir deste momento, você não terá mais que se envergonhar das minhas atitudes.

FERNANDA ABRAÇA-A, COMOVIDA.

FERNANDA - Oh, mãe!...

LULA - Se você soubesse o que estou sofrendo neste momento, se apressaria em perdoar todas as minhas levandades.

FERNANDA - Eu não tenho o que lhe perdoar, mãe.

LULA - Tem, sim, e a lição que acabo de receber, há de me valer pelo resto da vida. Agora mesmo vou telefonar ao doutor Francisco e você não terá mais do que se envergonhar.

LULA SE LEVANTA, CAMINHA RESOLUTAMENTE PARA O TELEFONE, DISCA QUATRO NUMEROS E FICA AGUARDANDO A LIGRAÇÃO COM OS OLHOS CHEIOS DE LAGRIMAS.

APROXIMAÇÃO até G.P. de LULA

FUSÃO com G.P. de LEONTINA, em outro angulo da mesma sala, arrumando qualquer coisa, cantarolando.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

CONTRA REGRA - TELEFONE CHAMA ATÉ QUE ELA ATENDA.

LEONTINA - Ih, meu Deus! Outra vez o telefone. Só pode ser o dotô Chico ou entonce o seu Darberto. Esses dois num tem me deixado eu posá em ramo verde. Um trimina, o outro começa. Puxa vida. Já vai. Pensa que eu num tenho mais que fazê? Ah, tombem!

CHEGA AO TELEFONE. LEVANTA-O DO GANCHO E CUSTA A ACERTAR A COLOCAÇÃO BOTANDO TROCADA E DEPOIS CORRIGINDO.

LEONTINA - Alô! Pronto! Quem é que fala aí? (Pausa) Aqui só eu, num tá vendo? (Pausa) Eu quem? A Leontina, ora essa! (Pausa) É. É da casa da dona Lula memo, pru que? (Pausa) Que é que hay dotô Chico? (Pausa) Bão, qué dizê... ela tá mais num tá, num é? (Pausa) Pruquê ela disse que é pra dizê

LEONTINA - (CONT.) que ela num tá, praquê ela num qué mais falá co sinhô. (Pausa) Num dianta, dotô Chico, eu num chamo, pru que sei que ela num vem e dispois ainda me dá um curridão. (Pausa) Ah bão, recado é outra coisa. Recado, eu posso dá. Mas óia: recado vale uns trocado, tá? (Pausa) Eu quero vê, hein? Não vai me impuiá. (Pausa) Tá. Intão dá o recado que eu dô. (Pausa longa) Tá... tá... tá bão... eu digo pre ela. Tá... (Pausa) Óia, intão vem logo, que é pra tu me dá os trocado que tú me premeteu, tá? (Pausa) Ela aparece, sim. Nóis armemo uma selada e ela aparece. Tchau. Vem logo.

LEONTINA DESLIGA O TELEFONE E PICA FELIZ JUNTO

DELE. ~~XXXXXXXXXX~~

LEONTINA - Ele hoje vai me pagá todas as veis que ele me fez eu vim atendê esta porcaria.

CONTRA REGRA - BATIDA DE TELEFONE UMA VEZ.

LEONTINA LEVANTA O FONE, PALANDO

LEONTINA - É o otro. Que é que tú qué seu Darberto? (Pausa) Como é que eu sabia que era o sinhô? Praquê o sarna numbro, um cabô de falá agorinha memo, só podia sê o sarna numbro dois. Que é que o sinhô qué? (Pausa) Num dianta, seu Darberto, ela num vem. Óia eu vô dizê uma cousa pro sinhô que é pro sinhô num telefoniá mais: elas vão se dimudá, vão simbora. (Pausa) Ah num sei, vão viajá, vão morá longe daqui. Elas dis sero onte, mas eu num intindi dereito. (Pausa) Tá bem, entonce tu vem que eu apero uma celada pra mode ela aparecê pra ti. Mas vai valê uns trocado, hein, vê lá. (Pausa) Eu quero vê só. (Pausa) Tchau.

LEONTINA DESLIGA O TELEFONE. ENTRA LULA.

LULA - Quem era, Leontina?

LEONTINA - Ora quem era! Os nossos namorado
A sóra sabe que eles num dão forga. Eu já
endo cheia desses cara. Voceis bem que pudis
atendê eles, pra me dá um descânsio.

LULA - Agora será por muito pouco tempo,
Leontina. Dentro de uma semana já nos muda
remos para São Paulo e eles deixarão você
descansar.

LEONTINA - E eu sô tão discarada que aí eu
ainda sô capaiz de sinti farta deles. A só-
ra num vai sinti?

LULA - Talvez sinta, Leontina. Quem sabe?
Mas a saudade será o tributo que deverei pa-
gar pelo desgosto enorme que causei à minha
filha!

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

APROXIMAÇÃO até G.P. de LULA triste

FUSÃO com G.P. de FERNANDA, sentada
no caramanchão, ao lado de ADALBERTO

FERNANDA - Você alegou que precisava falar
comigo com a maior urgência e afinal de con-
tas, até agora, ainda não disse ao que veio.

ADALBERTO - É que eu fui informado, ontem,
que você vai de muda para São Paulo?

FERNANDA - Sim, é verdade. Por que?

ADALBERTO - Porque eu queria lhe pedir que
não fosse.

FERNANDA - Ah sim? E por que? Que diferença
pode fazer, para você, que eu esteja perto
ou longe?

ADALBERTO - Muita, Fernanda. Se você esti-
ver perto, eu poderei vir aqui todos os di-
as, dizer-lhe que estou arrependido do que
fiz e pedir-lhe que me perdõe.

AUDIO - ACORDE DE SURPREZA AGRADÁVEL

FERNANDA - Adalberto, não! Isso é mesmo ver-
dade?

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

ADALBERTO - Sim, querida, a pura verdade. Você fica?

FERNANDA - Agora, infelizmente, já não poderei mudar a minha resolução porque é preciso que eu parta, por mãe. É ela, agora quem precisa fugir, para esquecer, e eu devo acompanhá-la.

ADALBERTO - Que pena! Eu vou sentir tanto! Tanto...

AUDIO - ENTRA MUSICA SUAVE E BONITA EM BG.

FERNANDA - O pensamento vara todas as distâncias. Pense sempre em mim que eu estarei sempre perto de você.

ADALBERTO - E a saudade? Você não pensa não quanto ela martiriza?

FERNANDA - Quando ela judiar demais com o seu coração, corra ao meu encontro. Eu estarei sempre à sua espera... sempre...

ADALBERTO - E quanto tempo você esperará até que eu possa ir?

FERNANDA - O tempo que for preciso.

ADALBERTO TOMA-IHE AS MAOS COM ENLEVO.

ADALBERTO - Minha querida!...

FERNANDA - Meu amor!...

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

APROXIMAÇÃO até P.P. dos DOIS

FUSTAO com: P.P. de LEONTINA e DOUTOR FRANCISCO, na SALA MODERNA E LUXUOSA

FRANCISCO - Você deu o geitinho que eu pedi?

LEONTINA - Dei, sim sinhô. Agora farta o sinhô dá o geitinho que eu pidi.

FRANCISCO TIRA UMAS NOTAS DO BOLSO E ENTREGA PARA LEONTINA QUE DEPOIS DE EXAMINÁ-LAS ESCONDE-AS NO DECOTE.

LEONTINA - A gora o sinhô se assente que eu vô chamá a dona Lula.

FRANCISCO SENTA NO SOPÁ E LEONTINA VAI PARA O INTERIOR. ELE, NERVOSO, ACENDE UM CIGARRO.

HÁ UMA PAUSA EM QUE FRANCISCO TIRA UM TELEGRAMA DO BOLSO. ABRE, LÊ, TORNA A FECHAR E QUARDAR NO MESMO BOLSO. ENTRA LULA. TEM UM CHOQUE AO VE-LO

32

LULA - Como?!...

AUDIO - ACORDE DE CHOQUE

LULA - Você veio, Francisco? Eu lhe pedi tanto que não viesse!...

LEONTINA APARECE EM QUALQUER PARTE DO CENÁRIO ESPIANDO A CENA E ESCUTANDO A CONVERSA.

FRANCISCO - Mas você vai partir e eu não queria que fosse, sem lhe trazer uma notícia que recebi e que talvez dê novo rumo aos acontecimentos.

LULA - Não creio. Estou firme em sacrificar a minha felicidade, pela de minha filha. Além disso... nós somos católicas, você sabe... Por você, quasi cheguei a esquecer os deveres da minha religião, mas felizmente parece que despertei em tempo.

FRANCISCO - A sua religião não permite que você case com um desquitado; não é isto?

LULA - Sim, e você, Francisco, infelizmente, é um desquitado.

FRANCISCO - Era. Já não sou mais.

AUDIO - ACORDE VIBRANTE, DE SURPREZA ALEGRE

LULA - Não é mais?! Como assim?

FRANCISCO TIRA UM TELEGRAMA DO BOLSO E LÊ AITO PARA LULA OUVIR. DEPOIS ENTREGA-LHE O TELEGRAMA

FRANCISCO - Aqui está o telegrama que recebi de meu cunhado. (Lê) Rosane faleceu ontem, vítima desastre automovel. Segue carta detalhes Lauriano.

CORTE

P.A. de LEONTINA de olhos arregalados e caminhando furtivamente para o telefone. Começa a discar um número.

CORTE

P.P. de LULA, completamente admirada

LULA - Francisco!... Será que esse fato...

FRANCISCO - Você ainda tem qualquer dúvida de que ele vá modificar o curso dos acontecimentos?

LULA - Não sei... Estou achando tão bom que chego a duvidar da verdade.

FRANCISCO - Não precisa duvidar. Você não conhece aquele ditado: "há males que vêm para bem?" Pois o mal de Rosane veio beneficiar a nossa vida. E olhe que podemos estar de consciência tranquila, porque nunca desejamos isto.

LULA - Nunca. Pelo menos a mim, juro-lhe que nunca essa ideia me ocorreu.

CORTE

P.A. de LEONTINA, no telefone fazendo gesto de andar correndo.

LEONTINA - (meia voz) Pega um automóvel e vem digero. E traiz os trocado, não te esquece.

LEONTINA DESLIGA O TELEFONE E SE COLOCA, ESCONDIDA, PERTO DA ENTRADA DA RUA, PARA RECEBER ADALBERTO.

CORTE

P.A. de FRANCISCO E LULA

FRANCISCO - O que receia você, ainda?

LULA - A reação de minha filha. Não sei o que ela vai resolver, só sei que farei o que ela quiser que eu faça.

FRANCISCO - Pois então chame-a agora mesmo e conte-lhe tudo. Ela terá que resolver aqui mesmo, na minha presença.

LULA SE LEVANTA E VAI PARA A CAMPAINHA. CHEGA A PEGA-LA, MAS DESISTE.

LULA - Não... não vou chamar a Leontina, porque sinão ~~ainda~~ ela vai ficar espiando e escutando o que a gente diz.

CORTE

P.A. de LEONTINA, levando a mão à boca para sufocar o riso que lhe aflue.

CORTE
P.A. de LULA.

LULA - (chamando) Fernanda! Minha filha! Chegue aqui na sala um momentinho, faça o favor.

LULA VOLTA PARA JUNTO DE FRANCISCO, SENTANDO-
SE AO LADO DELE.

33

LULA - Sabe a sensação que estou sentindo?

FRANCISCO - Diga.

LULA - A do criminoso que aguarda, no tri-
bunal, a sentença do jury.

ENTRA FERNANDA E SE DIRIGE À MÃE. AO VER FRAN-
CISCO LEVA UM CHOQUE TREMENDO.

AUDIO - ACORDE VIOLENTO.

FERNANDA - Como?!... Que quer dizer isto?!

LULA - Minha filha, Francisco está viuvo
e veio me propor casamento. Minha resposta
será dada por você. O que você decidir eu
obedecerei sem a menor contestação.

FERNANDA OLHA PARA FRANCISCO QUE EXTENDE O TELEGRAMA.
FERNANDA SEGURA-O. LE E PENSA UM MOMENTO, O QUE FAZER.
OS DOIS OLHAM PARA ELA ~~INDEIX~~ ANCIOSOS. FERNANDA, POR
FIM, ABRAÇA A MÃE SORRINDO

FERNANDA - Case-se, mãe. A senhora o
ama... há de ser feliz com ele.

LULA BEIJA A FILHA QUE APERTA, SORRINDO, A MÃO DE
FRANCISCO.

FRANCISCO - Eu sabia que você havia de
decidir pela felicidade de sua mãe. Agra-
deço-lhe, porque é a minha também.

LULA - Agora só falta mandar chamar Adal-
berto e acertar com ele os relógios.

CORTE

P.A. de ADALBERTO e LEONTINA

CORTE

P.A. de FERNANDA, sorrindo com os bra-
ços estendidos para Adalberto.

CORTE

P.A. de LEONTINA e ADALBERTO.

LEONTINA - Não precisa mandá chamá, ele já
está aqui.

ADALBERTO VAI ENVEREDAR PARA FERNANDA, MAS SENTE-SE
SEGURO POR LEONTINA QUE LHE EXTENDE A MÃO PEDINDO.

LEONTINA - Para aí. Farta o imposto que
tá ainda num pagô. Depois tu vai.

ADAIBERTO SORRI, METE A MAO NO BOLSO, TIRA
UMA NOTA ALTA QUE ENTREGA A LEONTINA QUE O
DEIXA IR E PICA OLHANDO PARA A NOTA, ADMIRADA

LEONTINA - Oba!... (Para a câmera) Vivê,
todos véve. Sabê vivê é que tá!

LEONTINA PISCA O OLHO, MATREIRA, PARA A CAMERA.

APROXIMAÇÃO até G.P. de LEONTINA

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

SUPERPOE a palavra

- FIM -

AUDIO - ENCERRA.

